
INTRODUÇÃO

(...) As ideias novas deviam ser encaradas como objectos preciosos, merecedores de especial atenção, particularmente quando aparecem um pouco estranhos.

Não estou insinuando que passemos a receber com agrado as ideias novas porque novas. Mas não devemos manifestar o desejo de suprimir uma ideia nova, mesmo se ela não nos parece muito interessante.

Karl Popper

EM JEITO DE INTRODUÇÃO

O objectivo do presente estudo é conceptualizar e contextualizar a problemática que comporta um ecomuseu, através de um caso específico que é o Projecto para a criação do Ecomuseu da Murtoza. Procuraremos, no âmbito da teoria museológica, analisar e discutir o «Projecto para o Ecomuseu da Murtoza», elaborado pelo Centro de Estudos de Sociomuseologia¹ da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias em colaboração com a Geoideia, Estudos de Organização do Território, Lda. e entregue à Câmara Municipal da Murtoza em Janeiro de 2000.

O projecto foi solicitado pela Câmara Municipal da Murtoza com o objectivo de não só promover uma actividade cultural importante para a comunidade local, mas também contribuir para a criação de condições materiais susceptíveis de desenvolver as actividades turística da Ria de Aveiro, revertendo e focalizando o potencial global da Ria para o Concelho da Murtoza.

O trabalho entregue à Câmara Municipal da Murtoza era um documento sucinto e do qual não constava a conceptualização, mas tão somente, as opções tomadas. Naturalmente que estas opções tiveram por base o conhecimento e o uso, por parte da equipa, da teoria museológica contemporânea.

O nosso interesse pelo projecto deve-se ao seu carácter original, na medida em que toda a programação assenta na concepção do museu como entidade prestadora de serviço, actuando no âmbito do desenvolvimento local, entendido não apenas como o

¹ O Centro de Estudos em Sociomuseologia da ULHT desenvolve várias actividades para o desenvolvimento da museologia, como: **programação** (Minas de Aljustrel e Museu do Benfica), **avaliação** (Cité des Enfants do Museu de La Villete), **formação** em Portugal Cursos de Pós-Graduação e Mestrado e, acções de formação no Brasil; **edições** dos Cadernos de Sociomuseologia. Trabalham no Centro de forma regular museólogos, arquitectos, urbanistas, antropólogos, sociólogos da ULHT; o centro acolhe investigadores de Universidades Brasileiras (UFBA, USP, UNIRIO e Mackenzie) e da Universidade de Quebec. Em casos específicos apoia-se na empresa Geoideia a qual dispõe de um leque de especialidades complementares. Este Centro mantém ainda relações muito estreitas com o MINOM que é uma organização Internacional afiliada ao ICOM e está integrada na Unidade de Estudos e Investigação em Ciências Sociais Aplicadas - entidade reconhecida pela FCT.

desenvolvimento patrimonial, mas também como desenvolvimento socioeconómico no seu todo.

Na verdade, estamos em presença daquilo que hoje em dia se reconhece, no quadro do pensamento museológico contemporâneo, como o cerne da função social do museu e da museologia social.

Nesse contexto, é evidente que nos vamos questionar, ao longo de todo o trabalho, sobre o contributo do conceito de ecomuseu para a museologia contemporânea, como também tentaremos entender a importância que um museu local tem, ou pode ter, para o desenvolvimento da comunidade e quais os pressupostos que um processo deste deve respeitar.

Consideramos o que atrás se afirmou é tanto mais importante quanto a própria função social do museu, no entanto, as questões relacionadas com a museologia social só recentemente têm vindo a ser objecto de análise e de estudo. É, pois, num contexto de mudança que elaboramos esta dissertação sobre a conceptualização de um ecomuseu, focalizada mais especificamente sobre o projecto de criação do Ecomuseu da Murtosa. Partimos para esse trabalho com a consciência que estamos a tratar questões que estão subentendidas no próprio projecto da Murtosa. Acreditamos, todavia, que um trabalho de reflexão e aprofundamento efectuado à luz das bases conceptuais da museologia contemporânea poderá contribuir não só para o desenvolvimento do capital teórico da disciplina, como, porventura mais importante, servir de referência para futuras experiências de planeamento decorrentes no âmbito da museologia do desenvolvimento.

O Projecto do Ecomuseu da Murtosa está dividido em: **Apresentação; Capítulo I** (1- Enquadramento regional do Concelho da Murtosa, 2- O turismo no Concelho da Murtosa, um balanço prospectivo); **Capítulo II** 3 – Justificação para a criação do Ecomuseu da Murtosa, 4 – Caracterização do ecomuseu, 5 – As componentes do ecomuseu, 6 – Organização técnica do ecomuseu); **Anexos** (A- Espécies da fauna e da botânica da Ria de Aveiro, B- Informação técnica sobre «*hovercrafts*», C- Levantamento funcional do Concelho da Murtosa em Julho de 1999, D- Informação sobre

museus existentes na região da Ria, E- Levantamento do acervo do Museu Etnográfico da Murtosa).

No momento de análise deste projecto trabalhavam em permanência duas museólogas, um urbanista, um antropólogo, um arquitecto e uma socióloga.

Desde já, referência deve ser feita a um conjunto de documentos que ajudaram à estruturar o Projecto. Refiro-me às definições de Património Natural e Cultural, tal como estão definidas na Convenção sobre a Protecção do património Mundial Cultural e Natural, elaborada no âmbito da UNESCO em 1972.

Refiro-me ainda à Declaração de Santiago do Chile, elaborada durante uma Mesa Redonda promovida pela UNESCO e pelo ICOM em 1972 e que abriu horizontes para o entendimento do que é ou pode ser um museu, na altura entendido como museu integral. Estas preocupações foram retomadas por um outro documento, a Declaração de Caracas, elaborada no âmbito do ICOM em 1992, actualizou a noção de museu integral para a de museu integrado, a qual, ainda é quase desconhecida no âmbito da museologia portuguesa, mas que em nosso entender esclarece e orienta a construção do saber e fazer museológico. Sem entrar em detalhes, o Projecto da Murtosa utilizou, também, os pensamentos expostos noutros documentos:

1. **Carta de Atenas** (1931, elaborada ainda no âmbito do Serviço Internacional dos Museus) que expressa pela primeira vez os princípios orientadores da conservação do património. O documento detém-se em três pontos fulcrais para a conservação do património:
 - a cooperação técnica e moral da comunidade internacional;
 - o papel da educação no respeito pelos monumentos;
 - a documentação do património como uma necessidade básica.

A Carta de Atenas impulsionou a elaboração de vários documentos no contexto do ICOM e da UNESCO. Incentivou também a criação do Centro Internacional para o Estudo da Preservação e do Restauro do Património Cultural, que veio a dar origem ao ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios). Pelos seus estatutos, ao ICOMOS, cabe a tarefa de promover a conservação, protecção, reabilitação e melhoria de monumento, grupos de edifícios e sítios a nível mundial.

2. **Carta de Veneza** (1964/ UNESCO), que alargou a noção de património e passou a entendê-lo não só comportando as criações arquitectónicas, mas também os sítios urbanos ou rurais, sítios históricos e os objectos frutos de escavações. Tratou também de questões relacionadas ao restauro do património.
3. **Carta de Turismo Cultural** (1976/ ICOMOS/ UNESCO) elaborada no âmbito do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, reconheceu o turismo como um feito social, humano, económico e cultural que exerce importante influência no campo dos monumentos e sítios. Por outro lado, chama a atenção para os efeitos negativos e até mesmo nocivos e destrutivos quando àquela frequência turística que acarreta o uso massivo do património.
4. **A Arquitectura Rural no Ordenamento do Território** (1976/ Conselho da Europa) que trata de questões relacionadas com a conservação integrada dos bens culturais do meio rural (património arquitectónico e paisagístico).

A referência a estes documentos pretende apenas assinalar que o Projecto da Murtosa revela a consciência de não pretender inventar o que já existe, mas antes pelo contrário, assentar o seu trabalho na reflexão elaborada por pessoas e instituições que dedicaram ou dedicam a sua vida e obra às questões do desenvolvimento com letra grande. Ignorar este pensamento, seria ignorar o pensamento museológico contemporâneo num mundo cada vez mais global e onde o local se vem afirmando cada vez mais.

Neste quadro, é evidente que o Ecomuseu da Murtosa (o PDM já previa um Museu potenciador dos recursos do Município) tem por base duas dinâmicas que se articulam há séculos e que mais não são que as pessoas e o território da Ria. Espaços e lugares de afirmação e reafirmação de memória, saberes e aspirações.

Mas tudo isto passa por uma atitude e postura que, resumidamente, são orientadas no sentido da gestão participada do relacionamento baseado no diálogo e na abertura da Câmara Municipal da Murtosa para assumir novas formas de gerir o futuro ecomuseu.

Para este projecto, de acordo com o pensamento de Paulo Freire, o diálogo é entendido no contexto de uma educação dialógica, libertadora e problematizadora, que aponta para um processo de busca e que esta busca leva os agentes ao encontro de duas dimensões: a acção e a reflexão que se alimentam dialecticamente uma da outra. O diálogo verdadeiro não se verifica numa relação de dominação, não há o verdadeiro diálogo se não há nos agentes da transformação o pensar verdadeiro, o pensar crítico, um pensar que entenda a realidade como processo e não como algo estático. Somente um diálogo que renegue o pensar ingénuo e implique um pensar crítico é capaz de gerar uma acção com maior intensidade de criticidade.

Assim a acção museológica que adopte plenamente esta reflexão deverá ser capaz de potenciar o pensar crítico, a análise problematizadora da realidade contemporânea e mediar a acção cultural e patrimonial em prol da socialização das comunidades locais. Por isso a Câmara Municipal da Murtosa se propõe, desde o início do Projecto, trabalhar com os principais agentes do município e da região para definir os contornos do futuro ecomuseu.

Aliado a estas questões de fundo – e lembramos que não são em demasia pois não há uma boa prática sem uma boa teoria que a fundamente – devemos ainda colocar a questão da fruição ou seja do acesso aos serviços que o museu presta. É exactamente nesta acessibilidade e possibilidade de fruição que se pode avaliar o sucesso ou insucesso do programa do ecomuseu.

Assim temos como pano de fundo o seguinte:

- Articulação: Património – População – Território;
- Gestão participada e fundamentada no diálogo;
- Entendimento do ecomuseu como instrumento de comunicação;
- Acessibilidade à fruição dos serviços assim criados.

Neste quadro, pensamos o ecomuseu como uma instituição prestadora de serviços, o qual deverá fundamentar a estruturação do seu programa museológico na definição dos serviços que razoavelmente possa prestar com utilidade e com sucesso.

A compreensão do lugar que um ecomuseu, tal como foi definido, implica a reflexão sobre questões fundamentais de carácter mais amplo e que têm vindo a ser trabalhados por vários autores. A reflexão de autores no campo da Sociologia e antropologia são de grande importância para, em diálogo com toda a produção no campo da museologia, melhor compreendermos os quatro pontos acima referidos. Nessa medida acreditamos fazer sentido analisar algumas dessas questões à luz da reflexão deste autor. Entendemos ainda que o nosso posicionamento face a este estudo prende-se com as seguintes questões:

- as minhas próprias referências, teóricas e práticas, como profissional da museologia;
- a tentativa de mudar um pouco o foco de atenção, quase sempre voltada para a cultura europeia, que apesar de ter as suas especificidades próprias, seria desejável começar a abrir um pouco mais o seu olhar para as questões sociais, antropológicas, museológicas, patrimoniais e outras, ocorridas em outras partes do mundo; questão já muito referenciada e discutida pelos cientistas sociais desde os anos 50, que questionavam o eurocentrismo nas ciências sociais;
- o quadro teórico, construído a luz das reflexões de autores das ciências humanas e sociais e estes tratarem, de forma problematizadora e reflexiva, especificamente a questão do património inserido no contexto museológico. Questão ainda pouco discutida fora da área da museologia.

É de lembrar, no entanto, que a abordagem feita, nomeadamente por Garcia Canclini, insere-se muito mais na realidade dos museus históricos e museus de arte que nos ecomuseus, apesar do autor ter em consideração as alterações ocorridas na museologia a partir da segunda metade do século XX. Entretanto, a sua abordagem extrapola em muito as considerações, muitas vezes simplistas, dos autores que compreendem os museus como locais de celebração do passado, completamente descontextualizados do mundo contemporâneo.

METODOLOGIA E FONTES

Esta dissertação se desenvolve no campo da museologia, nomeadamente naquilo que se denomina, nova museologia e ecomuseologia. Desta forma tornou-se importante discutir e analisar o terreno de intervenção museológica e apesar do nosso trabalho não ser propriamente do foro da antropologia, tivemos que recorrer à pesquisa de terreno que de uma maneira bastante ampla nos permitiu apreender alguns aspectos da realidade social do concelho da Murtosa, por referência ao qual analisamos durante a nossa dissertação o projecto para a criação do ecomuseu.

Este trabalho de terreno permitiu-nos, observar melhor os locais, os símbolos e as pessoas. Como esclarece António Firmino da Costa o papel do investigador no trabalho de terreno é daquele que:

Observa os locais, os objectos e os símbolos, observa as pessoas, as actividades, os comportamentos, as interacções verbais, as maneiras de fazer, de estar e de dizer, observa as situações, os ritmos, os acontecimentos. Participa, duma maneira ou doutra, no quotidiano desses contextos e dessas pessoas. Conversa com elas; por vezes entrevista-as mais formalmente. (Costa. 1986: 132)

Assumindo algumas limitações na apropriação plena do método, a opção adoptada foi a de observar e interpretar com mais veemência que participar no quotidiano das pessoas envolvidas na investigação.

De qualquer modo também a nossa formação de base, não sendo na área da antropologia, não nos instrumentalizou com as ferramentas nem a metodologia da antropologia, o que se revelou até certo ponto uma limitação no nosso trabalho. A museologia, sendo uma disciplina aplicada, nos capacita para observar, interpretar e intervir nos terrenos onde ocorrem os processos de musealização. Esses processos inerentes à museologia tanto podem ocorrer num museu, numa casa-museu, numa escola, numa vila, numa praia (...), ou seja: potencialmente a musealidade ocorre em todo o sítio onde exista relação entre pessoas e patrimónios mediados pela territorialidade; em toda a relação humana de significação e resignificação das referências de memória.

A museologia permitiu-nos sobretudo, manusear uma ampla bibliografia na qual julgamos que podemos embasar as propostas e dúvidas ao longo do trabalho. Referimo-nos em particular:

- **As Fontes Primárias:** um conjunto de documentos elaborados por diferentes instâncias da museologia em particular a produção do MINOM (Movimentos Internacional para uma Nova Museologia), ICOM (Concelho Internacional dos Museus) e ICOFOM (Comité Internacional para a Museologia);
- **As Fontes Secundárias:** as reflexões de vários autores sobre a Museologia e a Ecomuseologia;
- Articulação das duas naturezas de fontes e posterior análise e tratamento de um conjunto de dados estatísticos com os quais pretendemos caracterizar o tecido museológico nacional;
- associado aos três pontos anteriores trouxemos para esta dissertação a análise de autores que normalmente não estão associados as reflexões museológicas, como forma de melhor ilustrar a problemática museológica contemporânea através do olhar de investigadores sociais que utilizam os museus e a

museologia como forma de melhor ilustrar as discussões da contemporaneidade;

- análise do projecto técnico para a instalação do Ecomuseu da Murtoza.

Do ponto de vista metodológico utilizamos os métodos e técnicas das ciências sociais, tais como: questionários, entrevistas estruturadas e análise de estatísticas. No entanto, devido a natureza da nossa dissertação não pudemos evocar que tenhamos feito uma observação participante na medida em que o nosso objectivo era essencialmente o de «*sentir e palpar*» as preocupações e os desejos de um conjunto de informantes privilegiados, tais como: o presidente da câmara, animadores socioculturais ou simplesmente pessoas preocupadas com o futuro do concelho. Na verdade distinguimos trabalho de campo e observação participante pois como afirma Raul Iturra:

A diferença é simples: a observação participante é o envolvimento directo do investigador de campo tem com um grupo social que estuda dentro dos parâmetros das próprias normas do grupo; o trabalho de campo é um processo que envolve mais aspectos da conduta social, dentro dos quais o comportamento manifesto é observado. O trabalho de campo procura, no conjunto da informação sobre o presente e o passado, contextualizar as relações sociais que observa; a observação participante é pontual, o trabalho de campo é envolvente.(Iturra, 1986: 149)

Assumimos, desde o início, que as nossas formação de base e o escopo do presente trabalho nos levaria, inevitavelmente, para o contexto do trabalho de campo e não para a observação participante. Esta foi uma opção estudada e consciente e que nos permitiu observar e analisar cuidadosamente o terreno de investigação. Para além disso, todo trabalho foi sistematicamente enriquecido por uma discussão, constante e progressiva, com várias pessoas que possuem trabalho internacionalmente reconhecido no âmbito da teoria e prática museológica, em particular: Fernando João Moreira, Mário de

Souza Chagas, Mário Moutinho, Peter van Mensch e Hugues de Varine.

O facto de termos participado, na qualidade de museóloga, na equipe que elaborou o projecto para o Ecomuseu da Murtosa permitiu-nos acompanhar de forma muito estreita todo o processo de montagem do projecto, o qual por razões próprias, na sua versão final, não apresenta a conceitualização na qual a Ecomuseologia se fundamenta e, em particular, o Ecomuseu da Murtosa.

Na parte referente a análise do projecto do Ecomuseu da Murtosa utilizamos alguns pressupostos do Planeamento Estratégico, através do método dos cenários e da construção de uma Matriz SWOT² que consiste em relacionar os pontos fortes e fracos de um cenário com as principais tendências do seu meio envolvente. O método dos cenários tem por objectivo revelar os pontos a estudar com prioridade variáveis, determinar a partir dessas variáveis os actores fundamentais, as estratégias e os meios de tornar viáveis os projectos; e descrever, sob forma de cenário, a evolução dos sistemas estudados.

Reconhecemos que toda a problemática da ecomuseologia, tratada nesta dissertação, poderia ser ainda mais profundamente explorada através de uma abordagem que se apoiasse também na antropologia, na sociologia, no urbanismo e nos estudos da paisagem como elemento humanizado. Na verdade tal não nos é permitido na medida em que a nossa formação de base, como já dissemos, foi efectuada no campo da museologia. Assim tomamos a opção de trabalhar com a documentação museológica sobre a problemática dos ecomuseu e museus locais, produzida, sobretudo, nas últimas quatro décadas, como forma possível de poder criar uma identidade museológica para este trabalho. Consulta se fez a alguma bibliografia de outras áreas, como se pressupõe a qualquer trabalho académico nas ciências humanas, no entanto este é no essencial uma dissertação que se assume no contexto da museologia contemporânea.

² A matriz SWOT é uma ferramenta de gestão que permite avaliar e projectar cenários a partir da análise do presente e da projecção de futuros possíveis. SWOT significa: **Strength**: forças ou pontos fortes, **Weaknesses**: fraquezas ou pontos fracos, **Opportunities**: oportunidades e **Threats**: ameaças.

Mesmo assumindo esse recorte disciplinar reconhecemos que lacunas existirão, algumas delas já evidenciadas no processo de (re)leitura da dissertação, mesmo antecedendo da sua defesa pública. Assumimo-las não como fruto de parcialidade, mas pelas limitações próprias de um trabalho que se desenvolve no âmbito de um segundo ciclo de estudos acadêmicos.